

Objectos da Necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras).

Por O. da VEIGA FERREIRA e L. TRINDADE

O estudo desta necrópole está quasi terminado, mas como se trata dum trabalho volumoso, que por conseguinte levará tempo a publicar, decidimos dar a conhecer alguns objectos encontrados nesta estação, que se nos afiguram de grande raridade e, que, merecem uma nota em separado.

São os seguintes os objectos:

6 amuletos zoomorfos, pequenos quadrúpedes que lembram coelhos.

2 ídolos piriformes, um de cada túmulo.

3 fragmentos de ídolos de mármore com a forma de crescente.

1 placa de mármore furada com um desenho gravado.

Amuletos zoomorfos

Descrição:

Amuleto zoomorfo talhado em osso lembrando um pequeno roedor (coelho). Tem o aspecto de estar na posição de sentado. Vêm-se bem marcados os olhos e a boca. As mãos e as patas formam, cada, um bloco e são atravessados por um furo cónico.

Comp. 30 mm. Esp. 6 mm.

Outro amuleto zoomorfo talhado em osso, mais imperfeito que o antecedente. Os blocos mãos e pés estão fracturados, não se vendo

já a furação. Têm os olhos bem marcados, assim como a boca. Comp. 22 mm. Esp. 4,5 mm.

Amuleto zoomorfo com duas cabeças, talhado também em osso. Num dos lados lembra um esquilo pela curvatura do dorso e formato da cabeça. No lado oposto, abaixo do bloco dos pés, em vez da base, como nos outros descritos, apresenta outra cabeça com a parte da nuca fracturada. Qualquer das cabeças tem os olhos bem marcados,

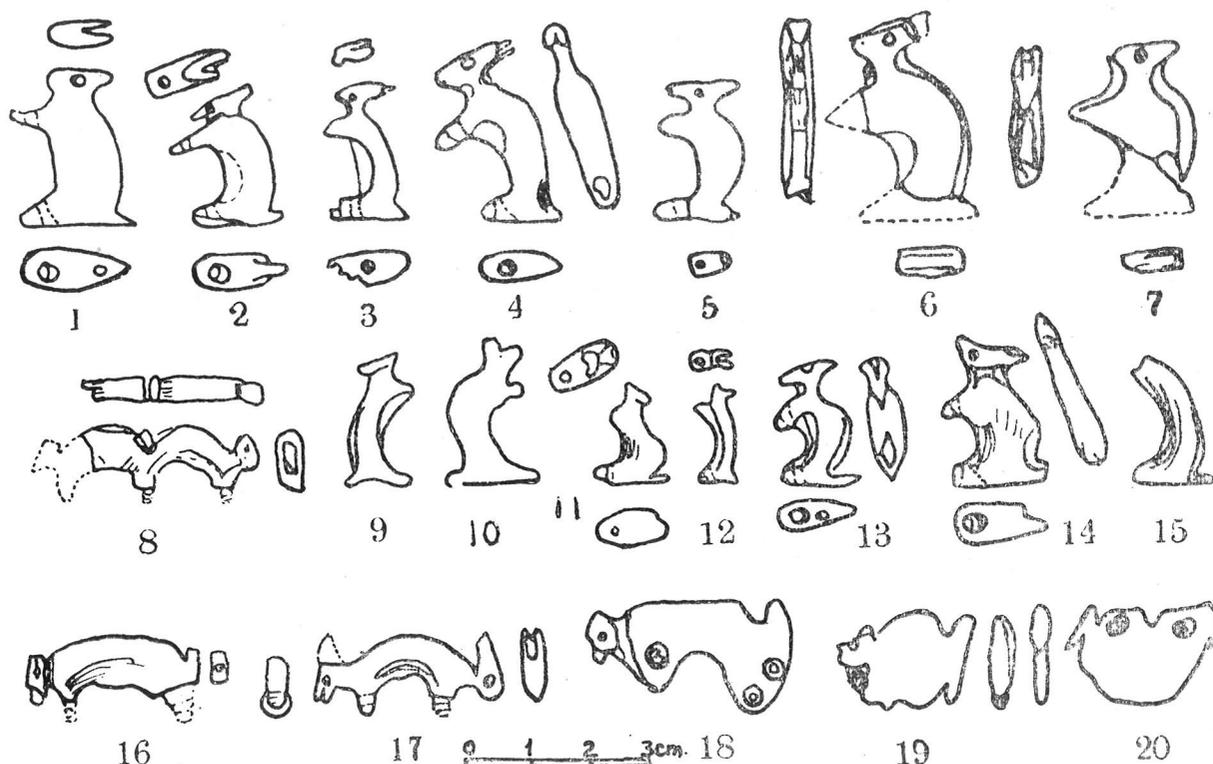


Fig. 1.—Amuletos zoomorficos: 1, 3 y. 11, cova da Moura; 4, 5 e 15-17, Cabeço da Arruda; 6 e 7, Anta Grande de Olival da Pêga; 8, 13 e 14, gruta de Cascais; 9, gruta de Carrasca; 12, Anta grande da Comenda da Igreja; 18, Portalegre; 19, gruta de Galhina; 20, Elvas.

assim como a boca. Um dos blocos (mãos) está também fracturado. O outro bloco apresenta um furo circular. Comp. 32 mm. Esp. 5 mm.

Amuleto zoomorfo talhado em osso muito fracturado e bastante mais imperfeito que os anteriores. O corpo é elíptico e grosso, sem esbelteza. A cabeça é muito pequena. Tem restos duma pequena cauda. Comp. 27 mm. Esp. 5 mm.

Duas bases de outros dois amuletos zoomorfos talhados em osso em que se vê resto de cauda e dorso. Comp. do maior. 26 mm. Esp. do maior 5 mm.

A respeito destas pequenas esculturas fazem Georg & Vera Leisner num dos seus trabalhos uma enumeração de todas as que têm con-

hecimento no País. Referem-se a estas que estamos estudando e, que, fazem parte dum monumento muito diferente duma "Tholos", conforme se verá, quando publicarmos a Necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras).

Estas esculturas em osso, chamadas amuletos zoomorfos, a que se atribui finalidade religiosa, são bastante raros. Até ha bem pouco tempo eram desconhecidas começando a surgir, sobretudo, em esta-

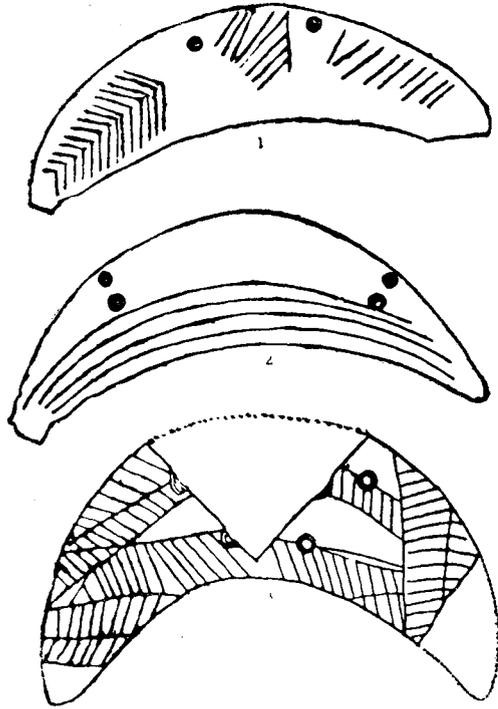


Fig. 2.—Crescentes de calcário: 1, grutas de Carenque; 3, *tholoi* do Cabeço do Arruda (Torres Vedras).

ções de Ocide de Portugal. Em virtude de se terem encontrada algumas completas, pôde-se identificar vários fragmentos de pesquisas antigas. Vários autores como os Leisner fazem crer que se trata da representação exclusiva dum roedor, o coelho, pensando que obdecem a qualquer ideia religiosa, aliada por certo, ao fim da fecundidade, mas entre estes agora estudados ha um, pelo menos, que representa mais um pequeno esquinho do que um coelho. De qualquer forma a representação cai sempre num pequeno roedor, animal bastante conhecido dos homens daquela época.

Os exemplares conhecidos até à data são: 4 do abrigo "Cova da Moura"-Torres Vedras; 3 das "Grutas de Cascais"; 1 da "Gruta da Carrasca"; 1 da "Gruta da Galinha"; 2 da "anta do Olival da Pêga"; 1 da "Anta Grande da Comenda da Igreja"; 1 de Portalegre; 1 da

região de Elvas (provavelmente algum dolmen); 6 da “Sepultura do Cabeço da Arruda-Torres Vedras; 1 da “Gruta de Carenque”; 3 do “Dolmen das Conchadas-Trigaches”, Odivelas, perto de Lisboa.

Com a excepção dum da “Cova da Moura” que é de Calcaite e outro da “Anta da Comenda da Igreja” que é de malaquite (?) todos os outros são de osso.

Em quasi todos os exemplares as mãos e pés tem perfurações cónicas, nunca bicónicas, e raramente cilíndricas. Georg & Vera Leisner dizem que a peça mais estranha pertence ao espólio duma

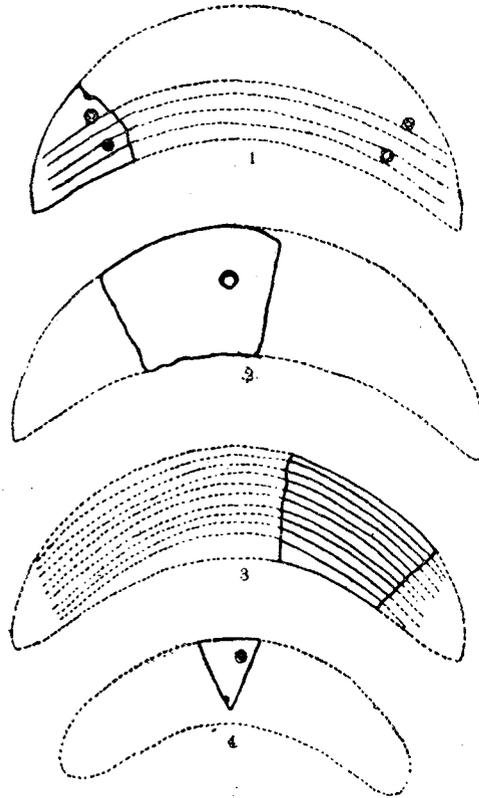
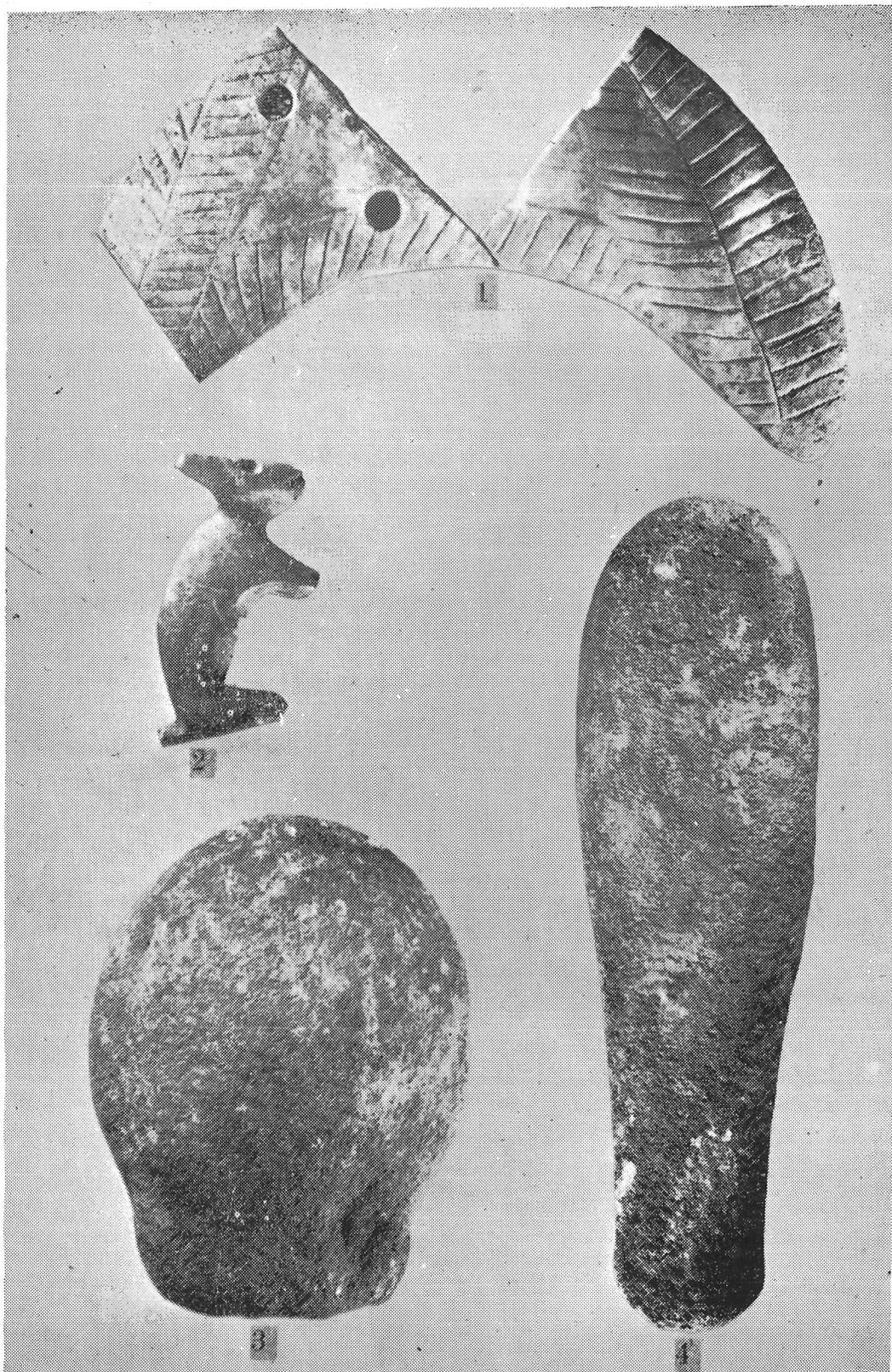


Fig. 3.—Crescentes de calcário: 1, de Pedra dos Mourcos, Belas; 2, grutas de Cascais; 3, dolmen de Trigaches, Odivelas; 4, gruta da Alapraia.

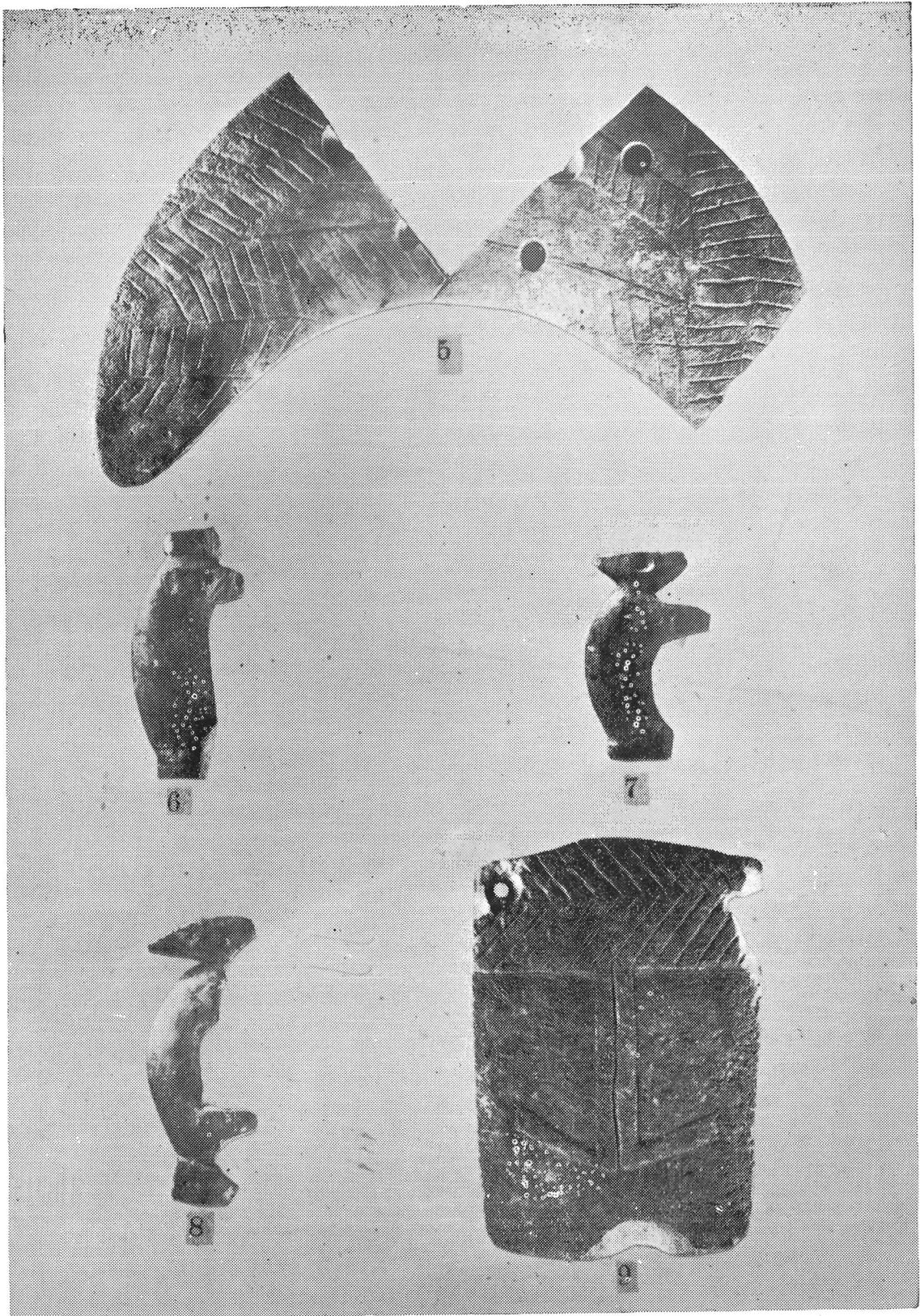
das sepulturas de Torres Vedras que estamos estudando. De facto o animal, como se viu na descrição, tem duas cabeças e dois pares de pernas. Num dos lados lembra mais um esquilo do que um coelho. O exemplar de Cascais representa sem dúvida dois animais ligados pela parte posterior.

Idolos piriformes

Idolo curioso constituído por duas partes: a superior de secção elíptico-ovalada com uns sulco pouco profundos. A inferior é cons-



1, crescente calcáreo (155 mm. x 56 x 11 mm); 2, amuleto zoomorfo (coelho) de osso (30 mm. x 6); 3, ídolo piriforme de gres (92 x 49 mm.); 4, ídolo (195 mm. x 35).



5, crescente calcáreo (outra face); 6, amuleto zoomorfo de osso; 7, amuleto zoomorfo de osso;
8, amuleto zoomorfo de osso (esquilo); 9, placa de calcáreo con gravuras.

tituida por uma espécie de pescoço de diâmetro muito mais reduzido que a parte superior. Todo o conjunto, embora piriforme, faz lembrar uma cabeça tosca sobre um pescoço curto. É constituído por um grês ferruginoso de grão grosso e está nalguns pontos bastante gasto. Comp. 92 mm. Diâmetro max. 72 mm. Esp. max. 59,5 mm.

Outro ídolo também em forma de pera, mas muito mais alongado do que o anterior. Tem a forma elíptica terminando na parte superior numa espécie de gola ou botão. É de grês vermelho ferruginoso

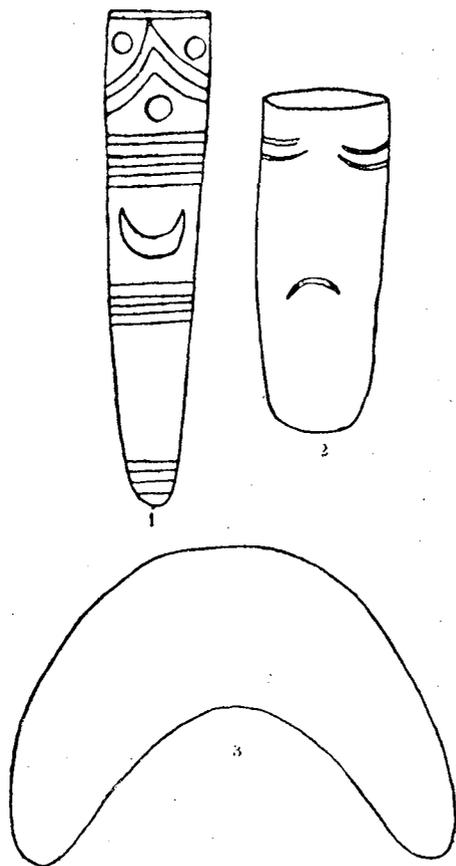


Fig. 4.—Crescente no ídolo da Folha da Barradas; 2, idem no ídolo de Palmella; 3, Alapraia.

de grão mais fiavel que o primeiro. Comp. 195 mm. Esp. na gola 57 mm. Esp. a meio 35 mm.

Pelo exame destes curiosos ídolos (?) verifica-se que se afastam bastante dos encontrados em S. Martinho de Sintra, Vila Nova de S. Pedro, Cova da Moura, Alapraia, Monumento do Barro e Serra das Mutelas. Os mais próximos, em certos pormenores, são os de Carenque, pelo menos um muito comprido, que o Prof. Heleno pensa ser um instrumento de ataque (massa). De qualquer forma estes não o feitiço de pinha ou flor de palmeira como diz Siret.

O primeiro lembra muito uma cabeça tosta sem vestígios, no entanto, de nariz e olhos. O segundo uma abóbora comprida. Supomos que representam uma estilização tosca da figura humana. É interessante, também o facto, de serem feitos de grês quando todos os outros encontrados são de calcário. Muitos autores como Vergílio Correia relacionam as esculturas deste género com os ídolos de Hissarlick e com as figuras de pedra do Museu de Florença, que se encontram sobre os túmulos de Valterra.

Ídolos em forma de crescente

Foram encontrados três fragmentos com gravuras que pertencem a esta categoria de ídolos (?) que alguns autores apelidam de *lúnulas* atribuindo-lhes o mesmo fim religioso das *lúnulas* irlandezas. Não possuímos elementos suficientes para entrar na discussão de tão magno problema, nem é essa a nossa missão, apenas desejamos descrever o que foi encontrado, e dar a conhecer mais alguns objectos que são raros espólios eneolíticos da Península.

Acreditamos plenamente que a lua, o sol e enfim tudo o que mesmo hoje causa admiração, seria objecto de culto nesses recuados tempos, como ainda hoje se mantem, sobretudo em certos povos atrasados, mas, pelo facto de aparecerem objectos com uma configuração análoga ao crescente lunar ou representados em ídolos como o da Folha de Barradas ou Palmela, não se deve inferir que, os povos que os manufacturaram, quizessem representar a lua ou que adorassem a lua. Cientificamente nada prova que assim seja.

Dos três fragmentos, dois deles, pertencem ao mesmo objecto e o terceiro pertenceria a um outro crescente. Estes objectos são raros sendo conhecidos apenas os seguintes: 1 fragmento do dolmen da Pedra dos Mouros-Belas; 1 fragmento das "Grutas de Cascais"; 1 fragmento (?) do Museu de Torres Vedras; 4 completos das "Grutas de Carenque"; 1 fragmento do dolmen de Trigaches-Odivelas; 1 completo da gruta II de Alapraia; e 1 fragmento de outro.

Placa de calcário com gravuras

Como motivo gravado, não conhecemos outro entre nós. A placa é rectangular, delgada, tem os bordos arredondados. A parte superior apresenta-se fracturada, é mais espessa que em todo o resto da peça. A parte inferior é biselada e afeiçãoada como nas enxós vulgares. No bordo superior apresenta dois furos cónicos, um em cada extremo lateral. Todo este bordo é ornamentado com um desenho gravado em forma de espinha que ocupa um terço de altura da placa.

O curioso e raro do objecto reside no estranho desenho em forma de âncora (?), a meio da face. Toda a peça é afeiçoada e polida, com cuidado. O conjunto do desenho, embora tosco, faz-nos lembrar uma âncora (?). Cremos ser uma peça de grande importância nos conjuntos eneolíticos conhecidos, e que revela o espirito de gente habituada à proximidade do mar, que de certo modo, se coaduna perfeitamente com a ideia da navegação no campaniforme. Comp. 70 mm. Larg. 49 mm. Esp. max. 10 mm.

Conclusões

Estes raros objectos aqui descritos e estudados pela primeira vez (os pequenos roedores foram mencionado já, mas não estudados), fazem parte do espólio de dois monumentos pre-históricos de grande interesse explorados por um de nós (L. Trindade) e que, como se disse acima, estão sendo estudados para um trabalho a publicar.

Os amuletos zoomorfos e um dos ídolos piriformes, pertencem à primeira sepultura, cujo conjunto funerário nos parece pertencer ao termo de passagem entre a cultura dolménica portuguesa e a cultura do campaniforme. As *lúnulas* (?) ou crescentes em forma de disco lunar, a placa com a tosca *âncora* (?), assim como o ídolo em forma de cabeça, pertencem ao segundo monumento, uma "Tholos" com todas as características da cultura do campaniforme. De qualquer modo, os objectos agora descritos, pertencem ao Eneolítico pleno que, no Congresso de Almería se convencionou chamar Bronze I, podendo, por tanto nós, situa-los numa data que ande à volta dos 2.000 años a. C.

G. e V. LEISNER, *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz-materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*, Lisboa, 1951.

M. HELENO, *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque). Com. ao Congr. Luso-Esp. 1932*, Lisboa, 1933.

A. DO PAÇO e E. JALHAY, *A gruta II da Necrópole da Alapraia*, Acad. Port. de t. XXII, Lisboa, 1942.

A. DO PAÇO e E. JALHAY, *A gruta II da Necrópole da Alapraia*, Acad. Port. de Hist. Anais, vol. IV, Lisboa, 1941.

E. JALHAY e A. DO PAÇO, *El Castro de Vila Nova de San Pedro; Actas y Mem. de la Soc. Esp. de Antrop. Etnograf. y Preh.*, t. XX, Madrid, 1945.

MAXIMIANO APOLINARIO, *Necrópole neolítica do Vale de S. Martinho*, Arch. Port. vol. II, Lisboa, 1896.

VERGILIO CORREIA, *El Neolítico de Pavia, Com. Inv. Paleol. y Preh.*, Madrid, 1921.

L. SIRET, *Questions de chronologie et d'éthnographie ibériques*. Paris, 1913.

J. MALUQUER DE MOTES, *Concepto y periodización de la Edad del Bronce peninsular*, Rev. Ampurias, 1949.